

A MANIFESTAÇÃO DO INCONSCIENTE NA MITOLOGIA GREGA E SUA RELAÇÃO COM O PROCESSO PROJETIVO

MANIFESTATION OF THE UNCONSCIOUS IN GREEK MYTHOLOGY AND ITS RELATION TO THE PROJECTION PROCESS

Leandro Paschoal da Silva¹, Paulo Francisco Castro²

RESUMO: Este artigo apresenta uma reflexão sobre aspectos psicológicos associados à mitologia grega, por meio da interpretação psicanalítica de alguns mitos. O estudo identifica em mitos gregos a influência de aspectos inconscientes manifestados nas narrativas, depositados neles por quem os produziu e transmitiu ao longo dos anos. Foi realizada uma metanálise a partir dos dados obtidos em 14 artigos publicados em periódicos científicos, a partir dos indexadores 'psicologia' e 'mitologia', para apoiar as reflexões por meio dos dados obtidos. Foram destacados os mitos de 'Édipo' e 'Narciso' como os mais citados nos artigos investigados, que servem como base para o desenvolvimento do tema, relacionando-os com os conceitos psicanalíticos do 'Complexo de Édipo' e 'Narcisismo', respectivamente. Por fim, os resultados indicam sobre a projeção das características de personalidade nas histórias a partir de estímulos externos, sendo estes as estrelas e constelações avistadas na antiguidade, denunciando a subjetividade na construção dos mitos que se mantém até hoje através dos tempos.

PALAVRAS-CHAVE: Mitologia grega. Inconsciente. Projeção. Psicanálise.

ABSTRACT: *This paper investigates psychological aspects associated with Greek mythology through the psychoanalytic interpretation of some myths. This study identifies in Greek myths the influence of unconscious aspects manifested in the narratives, introduced in the stories by those who wrote them and told them over the years. A meta-analysis was carried out from data obtained in 14 articles published in scientific periodicals, using the keywords 'psychology' and 'mythology', to support the investigation through data obtained. The myths of 'Oedipus' and 'Narcissus' stood out as the most cited in the articles investigated, and were the basis for development of the theme, being related to the psychoanalytic concepts of 'Oedipus Complex' and 'Narcissism', respectively. Finally, the results indicate on the projection of personality traits in the stories from external stimuli, such as stars and constellations seen in ancient times, showing the subjectivity in the construction of myths that still remains over time.*

KEYWORDS: Greek mythology. Unconscious. Projection. Psychoanalysis.

¹ Graduando do Curso de Psicologia na Universidade Guarulhos

² Orientador, Psicólogo, Professor Doutor do Curso de Psicologia na Universidade Guarulhos e Universidade de Taubaté

INTRODUÇÃO

O presente estudo objetiva apontar aspectos inconscientes observados na interpretação psicanalítica da mitologia grega. Dessa forma, o foco foi buscar expandir a visão tida a partir dos mitos que levará a formular hipóteses sobre como eles surgiram a partir das projeções de quem os contavam, e quais os conteúdos inconscientes que possivelmente são encontrados ao observá-los com a visão da psicanálise.

Este trabalho se justifica por promover uma reflexão dos mitos gregos, utilizando teorias psicanalíticas, tendo como proposta relacionar tais teorias com a representação simbólica de alguns dos mitos.

Uma das principais metas é possibilitar a formulação de ideias a respeito da mitologia grega por meio da psicanálise, de forma a analisá-la buscando evidenciar a influência do inconsciente em sua criação.

Este estudo também possibilitará uma reflexão, através da analogia entre o mito e teorias da psicanálise, sobre a forma de se acessar e compreender o inconsciente presente em mitos gregos, já que, segundo Herrmann (1984), as obras humanas são possuidoras de seu próprio psiquismo, mais até que as pessoas isoladamente, e pensando de forma mais ampla, nas ideias e ações sociais há significados que ultrapassam a concepção individual, encontrando conteúdos e significados pertencentes a toda humanidade.

REVISÃO TEÓRICA

Mitologia grega

A mitologia grega compreende um conjunto de mitos e narrativas, criadas e adotadas pelos antigos povos gregos como sua religião e crença.

Embora exista até hoje no cotidiano e nas histórias ocidentais, já não é mais concebida como religião ou dogma, mas sim como alegorias (BULFINCH, 2006).

A mitologia foi transmitida de geração em geração por meio de contos, já que não havia um livro sagrado que as descreviassem. Foi também conduzida através dos tempos pelos poetas, que a contavam em forma de poesias e contos, além de utilizá-la para criação de seus próprios cânticos (GRIMAL, 1985).

Embora a mitologia grega seja compreendida atualmente como simples alegorias e contos, em épocas remotas, tais mitos eram usados para explicar vários fenômenos, como por exemplo, a origem do mundo, de todos os seres e de todas as coisas, além de explicar a ordem dos acontecimentos do mundo e até mesmo a origem do povo grego. Era tida realmente como uma religião, a tal ponto, que existiam templos dedicados aos deuses e divindades gregas, assim como é possível saber que os gregos antigos faziam oferendas e seguiam rituais em nome de seus deuses, o que dá a dimensão de que, para eles, as histórias que eram contadas e passadas de pais para filhos serviam para guiar suas ações e suas vidas, dando um significado para tudo que era conhecido e também desconhecido ou inexplicável, já que, o que o mito explicava naquele período tornava-se algo lógico a ser seguido e incorporado no cotidiano (GRIMAL, 1985).

Sabe-se também que os gregos acreditavam que eram descendentes diretos dos deuses, e que sua linhagem estende-se ao longo do tempo, passando de geração em geração por meio dos povos que habitavam as Polis (cidades-estados), que compreendiam a Grécia Antiga, também conhecida como região helênica. (GRIMAL, 1985).

A mitologia grega também possui a possibilidade de mostrar o lado poético e interpretativo dos mitos e divindades cultuadas. A partir dela, o pensamento humano foi desenvolvido para além do lógico e palpável, ultrapassando barreiras que dividiam o mundo concreto do abstrato e interpretativo, levando a um encontro direto com a irracionalidade do pensamento humano, encontrado facilmente em tais mitos, e nas produções posteriores que se inspiraram neles ao longo dos anos, como no caso da arte, pintura, artesanato, dentre outras produções (GRIMAL, 1985).

Os povos primitivos já acrescentavam produtos de sua imaginação nos contos da mitologia, sendo assim, durante séculos as imagens dos deuses e demais criaturas mostravam-se sob diferentes aspectos que são acrescentados e modificados com o passar do tempo, tanto que é difícil até mesmo descrever com precisão e singularidade, já que os mitos são transmitidos por diferentes autores e artistas ao longo da história (COMMELIN, 2011).

O mito era relacionado com vários aspectos do cotidiano da Grécia Antiga, misturando-se com diversas atividades e formas de pensar da época. Estava presente até no pensamento dos antigos filósofos. Mesmo quando estes alcançavam o ponto extremo do pensamento, nunca deixavam de recorrer aos mitos como forma de buscar a compreensão e o conhecimento capaz de revelar e entender o incompreensível. Com isso, sabe-se que o mito oferece amplo material para a reflexão, em que o que era sagrado podia explicar fatos corriqueiros, e ser tido como importante fonte de sabedoria para época (GRIMAL, 1985).

Como exemplo desse processo, expõe-se a seguir a compreensão mítica da origem do universo.

O mito da criação do universo

A Era Cósmica

No início havia apenas o Caos, uma matéria inteiramente indiferenciada, primitiva, indefinível, sendo o princípio de todas as coisas e existente desde toda a eternidade. Não havia distinção entre nada: dia e noite, terra e céu, quente e frio. Nem mesmo tempo, espaço e nenhuma outra denominação conhecida hoje. Do Caos surge a primeira forma distinta: Gaia. Os gregos chamam-na de “mãe natureza”, a terra firme, que compreende o mundo físico, como as montanhas, terras, rios e os mares, que serve de referência como sendo o centro do Universo e de mundo conhecido, o ponto de onde tudo começa a se organizar (NOGUEIRA; HORTA; BOTELHO, 2012).

Gaia sozinha dá origem ao seu oposto, de gênero masculino, chamado Urano, que representa o céu. O universo divide-se assim em três camadas: a superior, que servirá de morada aos deuses, a intermediária, que servirá de morada aos homens, e a inferior, que servirá de morada para a morte e para os deuses subterrâneos (NOGUEIRA; HORTA; BOTELHO, 2012).

Urano une-se a Gaia e desta união geram-se novas vidas, os Titãs. Porém, Urano não para de fecundar Gaia, gerando novos filhos, povoando-a e mantendo assim todos estes dentro do ventre da mãe, pois sabia que assim que seus filhos saíssem iriam querer destrona-lo. Gaia, já não aguentando mais a tirania de Urano, arranca um pedaço de si, e molda uma foice. Vai até os filhos e propõe um plano contra Urano. Cronos, o filho mais novo, se prontifica e é posto de tocaia por Gaia, com a foice a espera do momento certo. À noite, no momento em que Urano prepara-se para fertilizar Gaia novamente, Cronos sai de seu esconderijo,



agarra a genitália do pai e a decepa, jogando-a no mar. Com um grito horrível de dor, Urano afasta-se de Gaia em um único movimento, instalando-se definitivamente na parte superior do mundo, sem nunca mais voltar a tocar o solo, jogando uma terrível maldição contra Cronos, onde diz que, assim como ele destronou o pai, seu filho o destronaria também (NOGUEIRA; HORTA; BOTELHO, 2012).

A Era de Ouro

Com todos os Titãs libertos, inicia-se a Era de Ouro, tida como a idade da pureza e da inocência (BULFINCH, 2006).

Cronos, tido como o deus do tempo cíclico, tornou-se o chefe dos Titãs, desposando a irmã Réia. Do casamento deles, nascem as filhas Héstita, Deméter e Hera, e os filhos Hades, Poseidon e Zeus. Com medo da maldição lançada pelo pai, Cronos engolia os filhos assim que estes nasciam. Não suportando mais o sofrimento dos filhos, Réia foi pedir ajuda de Gaia, que a orientou sobre um plano para salvar os filhos. Antes de ter Zeus, Réia o esconde na ilha de Creta e entrega a Cronos uma pedra enrolada em fraldas no lugar deste. Sem perceber nada, Cronos devora a pedra tão logo Réia a entrega. Enquanto isso, Zeus cresce com vigor e força (NOGUEIRA; HORTA; BOTELHO, 2012).

Conforme crescia, Zeus sabia que seu dever era se vingar do pai. E quando o dia chegou, Métis, uma ninfa, convence Réia a disfarçar Zeus de copeiro de Cronos e ainda entrega-lhe um fármaco para que dê ao pai. Sendo assim, Zeus parte ao encontro de Cronos e oferece-lhe uma taça de néctar com o fármaco diluído. Cronos o aceita e engole. No momento seguinte, sua barriga começa a revirar e o conteúdo dela começa a ser empurrada para fora. Com isso, sai primeiro a

pedra engolida por engano e os outros cinco filhos em ordem invertida ao nascimento, que então elegem Zeus seu líder. (NOGUEIRA; HORTA; BOTELHO, 2012).

Segundo Andrade (2005), após Zeus libertar seus irmãos, os Titãs liderados por Cronos entram em guerra com a nova geração de deuses, liderados por Zeus. Esta guerra fica conhecida como Titanomaquia, onde a nova geração de deuses consegue vencer os Titãs, que são mandados para Tártaro pela eternidade, enfrentando a humilhação da derrota (NOGUEIRA; HORTA; BOTELHO, 2012).

Após a vitória, os domínios paternos são divididos entre alguns irmãos: Zeus fica com o céu, Poseidon com o oceano e Hades com o mundo dos mortos. O Olimpo e a Terra ficaram sendo propriedade em comum, e Zeus passou a ser o rei dos deuses e dos homens (BULFINCH, 2006).

Cria-se uma nova ordem no mundo onde cada divindade recebe privilégios e honras, de forma hierarquizada, uma ordem sem a violência guiada pelo senso de justiça. A legitimidade de Zeus é garantida por ter sido eleito pelos irmãos, e passa então a preocupar-se em garantir o direito de outras divindades e igualdade entre elas (NOGUEIRA; HORTA; BOTELHO, 2012).

Essa nova era que começa é chamada de Era de Prata, a “Era de Zeus”, sendo sucedida mais tarde pela Era de Bronze, a Era dos Heróis, até chegarmos a nossa, a Era de Ferro (ANDRADE. 2005).

O inconsciente e o aparelho psíquico

A palavra ‘inconsciente’ serve para descrever e nomear tanto uma instância psíquica, definida por Freud em sua primeira concepção sobre a estrutura da personalidade e aparelho



psíquico, quanto os conteúdos nela encontrados (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999).

Segundo Laplanche e Pontalis (1999) o inconsciente no sentido 'tópico', ou de instância psíquica, compreende um sistema psíquico que é constituído por conteúdos recalçados cujo acesso ao pré-consciente e consciente (dois outros sistemas que compõem a primeira tópica de Freud sobre o psiquismo) foi negado pela ação do recalque.

Há ainda outras características que podem ser citadas para auxiliar a descrição do inconsciente, como no caso de ele possuir uma lógica e um sistema de funcionamento específico, exemplificado no fato de ele ser atemporal, portanto, não havendo noções de tempo e espaço, operando assim, num 'plano' totalmente diferente do mundo exterior (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999).

O inconsciente possui também, mecanismos, conteúdos e uma energia específica. Ele é regido por dois princípios básicos: o princípio do prazer e o princípio da realidade. O princípio do prazer é compreendido como a atividade psíquica que na totalidade de seu funcionamento tem por objetivo evitar o desprazer e proporcionar o prazer. Já o princípio da realidade é desenvolvido ao mesmo tempo em que são aprimoradas as funções conscientes, como atenção, juízo e memória, e também à medida que o contato com o mundo exterior se realiza. Ele se instala aos poucos no psiquismo como um divisor, a partir do contato do bebê com a realidade (LAPLANCHE; PONTALIS, 1999).

Quanto a usar a palavra 'inconsciente' como adjetivo Laplanche e Pontalis (1999, p. 235) explicam que ela é usada para "expressar o conjunto dos conteúdos não presentes no campo efetivo da consciência". Sendo assim entende-se que os conteúdos presentes em tal instância são

inconscientes, pois são característicos desta, e não se tornam conscientes (ou tem acesso à consciência) como realmente são, somente depois de passarem pela censura, que os transformam em algo que o consciente possa suportar.

Segundo a primeira tópica de Freud, o aparelho psíquico, além do inconsciente, é constituído pelo pré-consciente e pelo consciente. O pré-consciente está localizado entre o inconsciente e a consciência, sendo um sistema intermediário entre os dois. Possui conteúdos que podem ser acessados pela consciência, porém antes passando por uma censura. Há outra censura entre o inconsciente e o pré-consciente que visa barrar a entrada de conteúdos do inconsciente que podem gerar angústia no consciente (CHABERT, 2004).

O consciente é a instância psíquica que está ligada às funções de percepção do mundo exterior e da consciência, caracterizada por uma experiência individual e singular de cada pessoa. Ele é responsável por processos de atenção, pensamento e raciocínio (CHABERT, 2004).

Já na segunda tópica formulada por Freud a partir de 1920, constituiu-se outro modelo de funcionamento psíquico, que se apoia em três instâncias distintas: Id, Ego e Superego. Freud utiliza esta nova concepção sem abandonar a anterior, julgando que tanto estas, quanto as instâncias da primeira tópica são existentes, embora estejam numa dinâmica de funcionamento diferente (CHABERT, 2004).

O Id é um reservatório de energia pulsional, contendo a pulsão de vida e pulsão de morte, e operações inconscientes, sendo regido pelo princípio do prazer e análogo ao inconsciente da primeira tópica (CHABERT, 2004). Segundo Herrmann (1984), o Id é a instância original da psique, que todo indivíduo possui ao nascer, e que



vai posteriormente dar origem ao Ego ao ter contato com as pressões da realidade.

O Ego é a instância que está em constante relação com o mundo interior e exterior do sujeito, sendo um mediador entre os desejos do Id e as exigências do Superego. Ele é parte inconsciente e parte consciente, e é desenvolvido progressivamente ao longo da vida (CHABERT, 2004).

O Ego é responsável por funções como: consciência, julgamento e linguagem, e regido pelo princípio da realidade (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999). Segundo Herrmann (1984), o Ego também possui funções inconscientes: são os mecanismos de defesa, que visam excluir da consciência os conteúdos que são angustiantes e insuportáveis na mesma.

O Superego caracteriza-se por ter uma função crítica, originado graças às exigências e proibições dos pais (CHABERT, 2004). Possui ainda as funções de moral e de ideais, sendo as exigências sociais e culturais parte de seu conteúdo (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999).

Estes três sistemas não existem em separado, são interdependentes e se relacionam entre si, sendo o Ego, e posteriormente o Superego, diferenciações do Id. São constituídos de acordo com a experiência de cada pessoa, relação com o outro e com o meio externo, sendo ligadas à sociedade e cultura em que o indivíduo vive (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999).

Diante de um funcionamento disfuncional do psiquismo nota-se com maior clareza a diferença entre as instâncias. Frente a um psiquismo mais estruturado e com um funcionamento mais adequado, percebe-se um funcionamento mais harmonioso, com menos conflitos entre as partes (HERRMANN, 1984).

Projeção segundo a Psicanálise

Destacam-se dois conceitos diferentes de projeção segundo a teoria psicanalítica, sendo elas:

a) projeção como mecanismo de defesa: entende-se esta projeção quando o sujeito expulsa de si e localiza no outro, tanto numa pessoa quanto num objeto, algum aspecto que não aceita em si e/ou que não reconhece como sendo dela. Assim, vários aspectos podem ser projetados, como por exemplo, sentimentos, desejos e qualidades que o indivíduo recusa em si. Em outras palavras, a projeção faz com que a pessoa enxergue no outro algo que ela não aceita em si, de forma inconsciente (LAPLANCHE; PONTALIS, 1999).

Os autores relatam que esta projeção é um mecanismo de defesa e, portanto, tem por finalidade reduzir a angústia e tensão causada pelo material ou ideia que está presente. Pode-se dizer com isso que a projeção opera de forma involuntária, não consciente, já que a pessoa se utiliza dos mecanismos de defesa sem perceber, de forma quase que automática. Uma função característica da projeção como mecanismo de defesa é a de reduzir ou manter longe do Ego a angústia que a ideia que é combatida pode gerar;

b) projeção como estratégia de investigação da personalidade: neste caso, as projeções do sujeito podem surgir em diversas produções, como por exemplo, em desenhos, histórias, provas ou até em testes psicológicos que utilizam técnicas projetivas. Desta forma, o sujeito é posto em situações em que recebe estímulos do ambiente ou de uma situação específica em que se nota a manifestação de comportamentos que são originados a partir do material que ele possui ou traços de sua personalidade evocados pelo estímulo, como numa matriz de criação, em que o que é exposto pela pessoa está ligado diretamente com seu inconsciente (LAPLANCHE; PONTALIS,

1999). Definindo desta forma, pode-se dizer que o sujeito percebe o meio ambiente e responde a ele de maneira totalmente singular, de acordo com o que é projetado dele próprio (de seu inconsciente), e que é percebido em vários aspectos, como por exemplo, seus interesses, aptidões, hábitos, estados afetivos, expectativas, desejos, dentre outros comportamentos (LAPLANCHE; PONTALIS, 1999).

Personalidade

Segundo Anzieu (1984) existem inúmeras teorias da personalidade, por conta da quantidade e diversidade de pontos de vista e métodos que ela pode ser enfocada. O autor faz a descrição da personalidade do ponto de vista psicodinâmico, onde ela pode ser definida como um organismo vivo, em um meio físico e social, que reage a estímulos externos (ambientais) e a necessidades internas. As reações deste organismo podem ser de dois tipos: heteroplásticas e autoplásticas.

As reações heteroplásticas, para Anzieu (1984), são as que visam modificar o meio externo, interagindo com ele. Neste caso entendem-se tais interações como as condutas e comportamentos adotados pelos indivíduos. O objetivo da conduta é a descarga motora da necessidade, através da ação, que é gerada pela energia acumulada pela ascensão das necessidades e/ou sob o efeito das excitações externas (reação ao estímulo do mundo externo).

As reações autoplásticas, para o autor, visam modificar o próprio organismo (através de imagens, afetos, atitudes, para limitar a análise a um único aspecto psicológico destas reações). Com isso, a personalidade se desenvolve em torno de dois polos: o polo motor, que abrange a conduta e as descargas motoras das necessidades, e o polo imaginário, que abrange as alucinações,

memória afetiva, sonhos e devaneios (ANZIEU, 1984).

Anzieu (1984) ainda explica que ambas as reações do organismo vivo (personalidade), sejam heteroplásticas ou autoplásticas, se resumem em modificações: modificação do meio e modificação de si mesmo. Além disso, as reações podem estar juntas, como por exemplo, no caso de se tentar mudar o ambiente para não precisar mudar a si mesmo, onde a intenção seria a de evitar determinada emoção.

Anzieu (1984) explica que a personalidade, é agente de mudança como pode ser resistente à mudança, já que, muitas vezes o meio físico e social sofre transformações significativas a ponto de se apresentar tal resistência. É objetivo das reações do organismo restabelecer o equilíbrio que é ameaçado por mudanças internas e externas, seja na criação de novos equilíbrios ou integrando tais mudanças. A adaptabilidade consiste também em certa tolerância a estas mudanças, utilizando-se de mecanismos psíquicos. Porém, isso não significa a simples aceitação e acomodação do ambiente ou conformismo social, vai depender da dinâmica psíquica que o indivíduo possui e qual tipo de reação ele é capaz de por em prática.

MÉTODO

É de grande ajuda utilizar-se de uma forma de pesquisa que sirva de embasamento suficiente para discorrer sobre um tema que se deseja desenvolver. A metanálise possibilita a investigação da produção científica referente ao tema ou área que se deseja explorar, obtendo informações relevantes, de acordo com critérios pré-estabelecidos que possam apoiar a elaboração, desenvolvimento e discussão a respeito do assunto proposto e dos demais desdobramentos que se referem o trabalho. Pode ser utilizado para

interpretação de material científico que trata de uma área específica, um assunto, ou uma base de dados, dentre outros aspectos (FREITAS, 1998; WITTER, 2005).

Com a utilização de uma avaliação sistemática, tem-se a possibilidade de desenvolver considerações pertinentes sobre o assunto em questão, apoiadas pela apresentação dos resultados específicos e objetivos da pesquisa, que servem de base para as mais amplas reflexões e correlações entre tais considerações e as temáticas desenvolvidas no trabalho (CASTRO, 2012; WITTER, 2005).

A presente pesquisa foi desenvolvida no sentido de buscar e selecionar os artigos publicados em bases de dados nacionais, por meio do levantamento na Biblioteca Virtual de Saúde – psicologia (www.bvs-psi.org.br) que envolviam os temas propostos, a partir da busca pela combinação dos indexadores ‘psicologia’ e ‘mitologia grega’, perfazendo 14 artigos sobre o tema. A partir dos artigos encontrados, foi realizada a análise e compreensão do conteúdo publicado, observando-se elementos formais como ano de publicação, período onde foi publicada, abordagem teórica utilizada no estudo e mito envolvido, além disso, foram investigados aspectos psicodinâmicos dos mitos, discutidos nos textos e sua relação com projeção. Com os dados obtidos por meio desta análise, podem-se compreender pontos referentes ao enfoque dos artigos estudados, e o desenvolvimento da relação entre os temas distintos citados anteriormente, que serviram também para apoiar as reflexões deste trabalho. Para tanto, foi desenvolvida análise quantitativa dos aspectos formais e qualitativos dos aspectos psicodinâmicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após leitura e análise dos artigos, foram definidos e destacados alguns aspectos que apresentam dados sobre os elementos de investigação, separados em aspectos formais e aspectos de conteúdo, conforme segue:

Aspectos formais

Tabela 1. Quantidade de publicações por período

Período	N	%
1981 - 1990	1	7,14
1991 - 2000	6	42,86
2001 - 2010	6	42,86
2011 - 2012	1	7,14
Total	14	100,00

De acordo com o que se observa na Tabela 1, a maior parte dos artigos foi publicada no período de 1991 – 2000 (42,86% - N=6) e 2001 - 2010 (42,86% - N=6). Os dois períodos juntos compreendem 85,72% do total dos artigos publicados (N=14) referente a todos os períodos analisados. Vê-se que no período de 1981 – 1990 (7,14 - N=1) há apenas a publicação de um artigo. O período de 2011 - 2012 (7,14 - N=1) também apresenta uma quantidade inferior de publicações ao que se refere aos dois primeiros, porém como cada período analisado compreende dez anos, não se pode ainda entender como definitivos os dados deste último período, já que a análise foi realizada até o ano de 2012.

Tabela 2. Nome do periódico de publicação

Nome da revista	N	%
Revista Brasileira de Psicanálise	4	28,57
Junguiana	3	21,43
Psicologia USP	2	14,29
Imaginário	1	7,14
Jornal da Psicanálise	1	7,14
Mudanças	1	7,14



Revista de Psiquiatria	1	7,14
Revista de Terapia Ocupacional	1	7,14
Total	14	99,99

A Tabela 2 aponta os periódicos com maior quantidade de publicações envolvendo Mitologia e Psicologia, sendo eles: Revista Brasileira de Psicanálise (28,57% - N=4), Junguiana (21,43% - N=3) e Psicologia USP (14,29% - N=2). Os demais periódicos apresentam cada um, a quantidade de um artigo publicado (7,14% - N=1) durante o período analisado. O periódico que possui a maior quantidade de publicações (Revista Brasileira de Psicanálise) é voltado para a abordagem psicanalítica, como o próprio nome da revista evidencia.

Tabela 3. Abordagem utilizada no artigo

Abordagem	N	%
Psicanálise	8	57,14
Analítica	4	28,57
Social	1	7,14
Geral	1	7,14
Total	14	99,99

Observando-se a Tabela 3, nota-se que a psicanálise se sobressai quanto a abordagem e teoria mais utilizada nos artigos publicados no período, que abordam psicologia e mitologia grega, perfazendo oito dos quatorze artigos analisados (57,14%). A teoria analítica foi a segunda mais incidente, sendo utilizada quatro vezes (28,57%). As demais abordagens levantadas, Social e Geral, possuem utilização única (7,14% - N=1 = cada uma).

Embora a teoria analítica tenha também estudado profundamente a mitologia grega, explicando os mitos e comparando-os com a vivência da humanidade e seus conteúdos psíquicos, a psicanálise também consegue se apoiar de forma mais contundente na mitologia para explicar o comportamento e demais aspectos

psicológicos dos seres humanos, e tem sido bastante utilizada para este fim. Percebe-se que a análise psicanalítica no artigo geralmente recorre à psicanálise freudiana e às suas teorias para fundamenta-la, não só no contexto individual como também abrangendo estudos ou discussões de casos sociais.

Tabela 4. Mito estudado nos artigos

Mito	N	%
Édipo	4	18,18
Narciso	3	13,64
Mito do herói	2	9,09
Dionísio	2	9,09
Héstia	1	4,55
Ártemis	1	4,55
Górgona	1	4,55
Eco	1	4,55
Cronos	1	4,55
Antígona	1	4,55
Hefesto	1	4,55
Perseu e Medusa	1	4,55
Ceyx e Alcione	1	4,55
Píramo e Tisbe	1	4,55
Mitologia Geral	1	4,55
Total	22	100,05

Observa-se o desenvolvimento das pesquisas e reflexões publicadas com a utilização de 15 diferentes mitos distintos, além de um estudo sobre mitologia geral. Esclarece-se que o total de mitos estudados é superior a quantidade total de artigos, uma vez que se observou a interpretação de mais de um mito em seis artigos.

De acordo com os dados da Tabela 4, os mitos mais estudados nos artigos foram: Édipo (18,18% - N=4), Narciso (13,64% - N=3), Mito do herói (9,09% - N=2) e Dionísio (9,09% - N=2). Os demais mitos são expressos uma vez cada um (4,55% - N=1).

Sobre os dois mitos mais utilizados nos artigos, Édipo e Narciso, pode-se pensar que, não por acaso, foram profundamente explorados e

serviram de base para a nomeação dos conceitos psicanalíticos de 'Complexo de Édipo' e 'Narcisismo', temas desenvolvidos pela teoria para explicar boa parte do funcionamento e constituição da psique e personalidade, e que podem ser observados em vários momentos em sua obra (REIS; MAGALHÃES; GONÇALVES, 2005).

Estes mitos por si só já são verdadeiramente ricos para reflexões e mensagens simbólicas, e já eram encarados assim na época da antiguidade. Quando abordados pela psicologia, ou mais especificamente pela psicanálise, tornam-se como uma fonte de estudos e de possível compreensão sobre a psique humana. Devido ao posicionamento teórico dos autores, optou-se por desenvolver a presente reflexão sob o ponto de vista psicanalítico, embora a abordagem analítica também se dedique a esse tipo de estudo. Ao observar as obras freudianas sobre o aparelho psíquico e seu funcionamento, vê-se que em diversos momentos são usados também, outros termos ou nomes extraídos da mitologia grega.

Não só no nome, como também no conteúdo, encontra-se a compatibilidade da história do mito com a teoria psicanalítica, sendo assim, vê-se que obviamente o nome de uma teoria é escolhido conforme a similaridade com o mito e a representatividade que a analogia entre eles proporciona, assim como o seu simbolismo, que é algo que vai além da percepção comum, e mostra-se útil no estudo da subjetividade humana. Todos estes aspectos dos mitos gregos são levados em conta para embasar fundamentos teóricos da psicanálise.

No presente texto, optou-se por estudar os dois mitos de maior inserção nas publicações analisadas, a saber: 'Mito de Édipo' e 'Mito de Narciso'. Além de terem destaque nos estudos avaliados, também centram-se em dois conceitos

fundamentais da obra freudiana: 'Complexo de Édipo' e 'Narcisismo', respectivamente.

Conflitos edípicos na mitologia grega

No exemplo da história de Édipo, este sem saber, mata o pai biológico que o havia abandonado quando criança, e retorna a sua cidade natal. Logo depois de salvar a cidade da criatura chamada Esfinge, torna-se o rei e casa-se com a mãe, também sem saber que era filho desta. Após descobrirem que são mãe e filho, Jocasta, a mãe, suicida-se, e Édipo, num ato de loucura, fura os próprios olhos tornando-se cego como punição (BULFINCH, 2006).

Assim como no mito, encontra-se o conflito entre pai, mãe e filho na teoria psicanalítica do Complexo de Édipo, onde a criança (neste caso, o menino) passa por um período em que, inconscientemente, deseja possuir a mãe só para si, desejando também ser o único objeto de desejo desta, eliminando o pai, percebido como rival. Neste ponto, evidencia-se o desejo incestuoso do filho pela mãe, contido no mito e na teoria psicanalítica, onde o aspecto que é destacado incisivamente é a proibição deste tipo de relação, tanto no mito, quanto na relação edípica do filho com a mãe. Supõe-se que na antiguidade este desejo incestuoso já era proibido na sociedade como um todo, e nos indivíduos já era reprimido na fase edípica e nas primeiras relações parentais.

Com esta análise psicanalítica, pode-se supor que, de forma involuntária, o povo grego que criou tal mito, sem saber, depositou aspectos psíquicos de si mesmo que são inerentes a todo ser humano, já que, segundo a psicanálise, todo indivíduo passa pelo conflito do Édipo.

Para que tal influência psíquica possa existir e ser observada, mesmo quando da criação dos mitos e das narrativas destes, nota-se um

movimento psíquico já existente, que é natural nos indivíduos quando produzem alguma obra, que é a projeção de conteúdos psíquicos, ou seja, quando um sujeito frente a um estímulo produz material psicológico, seja ele em narrativas, nas artes, em criações concretas ou abstratas, como em uma fala, um desenho, um pensamento, entre outros. Invariavelmente, tudo o que o indivíduo cria é possuidor de características subjetivas e inconscientes, e em geral, desconhecidas pelo próprio criador. Estas criações podem demonstrar não só pequenos indícios da psique, como também aspectos mais complexos e grandiosos da personalidade, assim como no mito de Édipo, que denuncia uma das grandes experiências psíquicas vividas pela criança, e que na teoria do Complexo de Édipo promove a quebra da relação simbiótica, instauração da realidade e da incorporação das normas, conceito de interdições e é estruturante da personalidade.

É possível encontrar, na mitologia, aspectos psicológicos que são recorrentes, ou seja, o mesmo aspecto ou denotação psicológica presente em diferentes mitos. Ainda referindo-se à teoria do Complexo de Édipo, existem mitos ou passagens de certos mitos que denunciam o conflito edípico. Um exemplo disso é o mito da criação do universo já relatado neste texto e sintetizado a seguir: Segundo o mito da criação, em determinado momento, já tendo surgido Gaia (Terra), e dela surgido Urano (Céu), seu companheiro, este não deixava que nenhum de seus filhos (os Titãs) nascesse da mãe, empurrando-os de volta para dentro desta. Para livrar-se da tirania de Urano, Gaia fabrica e entrega ao filho mais novo, Cronos, uma foice, e o esconde até o momento da chegada do pai. Então, Cronos com sua foice surpreende o pai e decepá sua genitália, atirando-a no mar, fazendo assim com que este volte e se estabeleça em definitivo na

parte superior do mundo, amaldiçoando-o a ter o mesmo destino: ser deposto por um filho. E assim, mais tarde ocorre o mesmo com Cronos. Assim que a irmã e esposa Réia tinha um filho seu, ele o engolia. Réia, indignada, também consegue tramar um plano contra Cronos, com a ajuda de Gaia e posteriormente do filho Zeus. Assim, escapando de ser engolido, Zeus cresce e engana o pai, libertando de sua barriga todos os outros cinco irmãos. Depois de uma longa batalha, Zeus e seus irmãos vencem e tornam-se regentes do universo, exilando uns rivais no Tártaro e atribuindo punições diferentes a outros (NOGUEIRA; HORTA; BOTELHO, 2012).

Estes recortes da história mostram um conflito pelo poder, e a rivalidade entre pai e filho, que é encontrada também no Complexo de Édipo. Segundo a Psicanálise, o Complexo de Édipo compreende um momento do desenvolvimento em que a relação pai-mãe-filho baseia-se na detenção o poder, que é chamado de "falo". O falo é sempre aquilo de que se tem falta, que pode completar o sujeito, torna-lo perfeito.

Na relação entre os deuses primordiais, há uma disputa de poder. Gaia, ora se interessa em permanecer com Urano, que a completa no primeiro momento como seu companheiro, ora se interessa em libertar os filhos, que sofrem a injustiça do pai que detém o poder. Nessa relação edípica, o filho Cronos consegue destronar o pai, fato que não ocorre em relações reais entre esta tríade se o desfecho da relação edípica for saudável.

Desta relação, inconscientemente todos os membros da tríade tem a sensação de castração: a mãe entende que não pode viver apenas para o filho, o pai entende que não é o único ser que é amado pela mãe, assim como o filho renuncia ao seu desejo pela mãe.



Segundo a proposta psicanalítica, todos passam por este tipo de experiência. Aqui, percebe-se que, tanto no caso de Gaia e Urano, quanto no de Cronos, Zeus e Réia, a história se repete, e a simbolização da relação edípica e de poder também. Assim, nota-se o mesmo aspecto da vivência psíquica em diferentes momentos do mito. Compreende-se também que esse mesmo aspecto é percebido tanto no mito da criação quanto no mito de Édipo, reforçando ainda mais a suposição de que o povo grego projetava, sem conhecimento de tal processo, aspectos psíquicos inconscientes de si em vários de seus mitos, mesmo que estes aparentemente contenham mensagens de princípios e de moral bem distintas.

O Narcisismo de Narciso

Sobre o mito de Narciso, também é possível reconhecer pontos em comum com a teoria do Narcisismo. Na mitologia grega, Narciso era um jovem muito belo, que se apaixonou pela própria imagem sem saber, refletida numa fonte onde fora matar a sede. O mito conta que Narciso permaneceu a contemplar sua imagem sem mais deixar o lugar, até que com o tempo, pouco a pouco foi definhando e morreu. Logo após, no lugar onde estivera, nasceu uma flor também muito bela, que foi batizada com o seu nome (BULFINCH, 2006).

De uma forma bem sintética, Quinodoz (2007) explica que “narcisismo” é o termo que na psicanálise designa o amor que um indivíduo sente por si mesmo, e que tal termo está diretamente relacionado com o mito. Porém, existem mais desdobramentos e reflexões na teoria psicanalítica do que apenas o que esta definição aponta, assim como possivelmente, podem-se fazer outras analogias entre a teoria e demais passagens do mito.

O mito narra também que Narciso desprezava todas as ninfas que gostavam e se aproximavam dele (BULFINCH, 2006). Pode-se pensar que neste momento a similaridade com a teoria está no fato de o personagem deixar de se interessar por objetos externos (sejam estas pessoas ou não) e passar a investir energia libidinal (energia do aparelho psíquico) nele mesmo, quando se apaixona por si por meio de sua imagem refletida. A partir disso então, tem-se que Narciso, simbolicamente, renuncia ao tipo anaclítico de amor, que é a energia direcionada a um objeto externo qualquer, e passa a escolher seu próprio Ego como objeto de amor e investimento, permanecendo na escolha objetual do tipo narcísica. Neste aspecto então, retornar ao estado narcísico original, mesmo tendo o abandonado em outro momento da vida, caracteriza um estado gerador de patologias, chamado de narcisismo secundário (REIS; MAGALHÃES; GONÇALVES, 2005).

Ainda em relação a como Narciso se apaixonou por si próprio, o mito revela que, certa vez, uma das donzelas que foram rejeitadas por ele implorou aos deuses que ele um dia viesse a amar e não ser correspondido. Nêmesis, deusa da vingança, ouviu suas preces e fez Narciso se apaixonar por si mesmo, quando olhou seu reflexo na água (BULFINCH, 2006). Em relação ao narcisismo secundário, o fato de não conseguir amar, gostar, ou se apaixonar por alguém que não seja a si próprio é originador de relações por vezes egocentradas, empobrecidas, onde não há troca de investimento, mas sim consequências negativas.

A partir da reflexão da mensagem que o mito transmitia desde a época da antiguidade, vê-se que uma pessoa interessada apenas em si não consegue estabelecer relações saudáveis com as demais. Ama de forma demasiada a ela mesma sem conseguir atribuir tal valor ao mundo externo. E como o próprio mito denuncia, tal pessoa define



com o tempo, não consegue viver a realidade que a cerca e estabelecer um contato de amor verdadeiro com o mundo ao seu redor, a ponto de permanecer presa em um movimento psíquico de investimento interno.

Para tal questão, a forma mais saudável de relação é onde há um equilíbrio entre a libido investida no Ego e a libido investida no objeto externo, ou seja, para não depreciar ou valorizar unicamente o Ego e nem o objeto externo, o melhor é, em outras palavras, amar ao outro sem deixar de amar a si mesmo. Pensando-se desta forma, a partir do mito de Narciso e da mensagem que este transmite, percebe-se que, mesmo há muito tempo atrás, os gregos já eram muito habilidosos quando lidavam com questões que envolviam a essência humana, como é o caso dos aspectos psicológicos citadas anteriormente, que são percebidas tanto nos mitos quanto nos indivíduos.

Mitologia e projeção

Faz-se uma comparação neste momento entre o surgimento dos mitos (elaboração, criação, reprodução), e possíveis caminhos que nos levam a hipóteses de como eles foram se instalando, como verdadeiros símbolos da cultura da época. Como já foi dito, os mitos eram relacionados ao mundo ao redor do povo heleno.

E se a reflexão focar no mundo que eles viam acima deles? Porque não pensar mais profundamente na relação entre os mitos e o céu que cobria a Grécia Antiga, mais precisamente, nas imagens que seu povo via no céu? Naquele tempo, o próprio céu já era uma espécie de divindade, antiga, primordial, chamado de Urano. Mas pode-se imaginar que os gregos viam muito mais do que isso num lindo céu estrelado. Naquele tempo já se falava em constelações, já haviam sido nomeados várias constelações referentes a personagens nos

mitos gregos, sejam eles deuses, heróis, monstros ou mortais.

A partir deste ponto pode-se imaginar a visão do céu para os gregos como uma grande tela, em que se mostram vários desenhos, símbolos e gravuras que eles mesmos criaram e organizaram ao longo do tempo. Consequentemente cada gravura no céu em forma de estrela ou constelação tem sua própria origem e história. Sendo assim, a partir do que era visto nestas imagens, eram formados os mitos, ou, um mito já pronto apenas recebia seu lugar de destaque no céu. Neste ponto, ambas as ideias podem ser válidas, já que, como a mitologia grega não possui um livro sagrado oficial, há várias outras formas em que ela foi transmitida. Encontra-se muito dela em diversas obras de arte, como esculturas, poemas, e pinturas, dentre outras formas, mas acreditam-se que uma das principais maneiras de reprodução sempre foram os contos, passados de geração em geração, por meio das histórias.

Segundo a psicanálise, as produções humanas são fortemente influenciadas pelo psiquismo de seus autores, não só pelos conteúdos conscientes, mas também pelos conteúdos inconscientes que dizem respeito à constituição do psiquismo e materiais encontrados nele (HERRMANN, 1984). Sendo assim, pode-se imaginar que os mitos gregos também possuem em si sua carga e herança da vida mental de quem os produziu e repassou ao longo dos anos e pode-se assumir que são frutos de processos projetivos daqueles que os imaginaram. Assim um céu estrelado, como no caso dos mitos, pode ser suficiente para evocar do aparelho psíquico, partes ou características dele a serem incluídas inconscientemente nas produções, e neste caso, nas histórias mitológicas, através do movimento

psíquico citado anteriormente denominado de projeção.

Seguindo a relação entre os casos, pode-se dizer que um céu estrelado atua como uma forma de registro, onde ao mesmo tempo em que se trata de um estímulo, trata-se de um espaço onde estão gravadas as histórias contadas por anos. Sabe-se que os contos sofrem um mínimo de transformação ao longo do tempo, de acordo com a forma que se narra o mito, peculiaridades dos contadores, época histórica, tipo de sociedade e cultura. Porém, como a maioria das figuras e símbolos enxergados nas constelações e estrelas no céu já são bastante conhecidos há milênios, sendo de origem bem antiga, contendo nomes e histórias singulares, imagina-se que a estrutura principal do conto, assim como os aspectos psicológicos nele evidenciados, ainda permaneça preservada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após levantamento proposto pela análise de produção científica nacional sobre os artigos que trataram acerca da mitologia grega, observou-se que a maioria dos trabalhos foi publicada no período entre 1991 e 2010, sendo o principal responsável a Revista Brasileira de Psicanálise, sendo que os mitos mais estudados foram Édipo e Narciso, principalmente sob o enfoque psicanalítico.

Diante das reflexões feitas sobre mitologia grega, teorias psicanalíticas e possíveis relações entre elas, conclui-se que é possível apontar aspectos inconscientes observados na interpretação psicanalítica de mitos gregos. Vê-se que há forte influência do psiquismo do antigo povo grego nas histórias, assim, entende-se que na criação e transmissão dos mitos houve a projeção de aspectos de sua personalidade, característicos de um contexto não só individual, mas também

social, e de aspectos psicológicos que, de maneira geral, são pertencentes a todos os indivíduos, e que podem ser observados em suas mais diferentes manifestações, tanto nas narrativas dos mitos, quanto em outras formas de expressão de conteúdos internos, como em pinturas, esculturas, poemas, dentre outros.

O que se pode observar neste tipo de análise dos mitos é que a projeção de aspectos inconscientes pode ser percebida a partir da compreensão do simbolismo que emerge das histórias, além do significado psicológico interpretado juntamente com a mensagem moral e simbólica que é atribuída a cada mito. Para isso, é indispensável uma análise global dos aspectos que permeiam tal exploração, tanto os psíquicos, quanto os morais e culturais constantes nas histórias, obtendo-se assim uma melhor compreensão psicológica destes.

Certamente, desenvolvendo-se este tipo de estudo sobre demais mitos gregos, além dos que foram citados, utilizando-se da interpretação psicanalítica, também será possível observar aspectos pertencentes à psique humana, por meio da interpretação dos conteúdos simbólicos constante em tais produções, assim como demais indícios sobre a dinâmica social e psicológica do povo da época e da humanidade em geral, já que tais características também podem ser observadas atualmente nos indivíduos e suas diversas relações. Assim, outros estudos sobre o tema são relevantes para que seja ampliada a relação entre mitologia e psicologia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. L. C. **Gaia**: o feminino em estado bruto. São Paulo: Vetor, 2005.

ANZIEU, D. **Os métodos projetivos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1984.

BOCK, A. M. B; FURTADO, O; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia**: histórias de deuses e heróis. 34. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CASTRO, P. F. Metanálise sobre o método de Rorschach: produções internacional e nacional. **Revista Educação**, Guarulhos, v. 7, n. 1, p. 8-22, 2012.

CHABERT, C. **Psicanálise e métodos projetivos**. São Paulo: Vetor, 2004.

COMMELIN, P. **Mitologia grega e romana**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FREITAS, M. H. A. Avaliação da produção científica: considerações sobre alguns critérios. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 2, n. 3, p. 211-228, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v2n3/v2n3a02.pdf>>. Acesso em: 10 de março de 2013.

GRIMAL, P. **A mitologia grega**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

HERRMANN, F. **O que é psicanálise**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NOGUEIRA, S; HORTA, M; BOTELHO, J. F. **Mitologia**: deuses, lendas, heróis. 1. São Paulo: Abril, 2012.

QUINODOZ, J. M. **Ler Freud**: guia de leitura da obra de S. Freud. . Porto Alegre: Artmed, 2007.

REIS, A. O. A; MAGALHÃES, L. M. A; GONÇALVES, W. L. **Teorias da personalidade em Freud, Reich e Jung**. 7. ed. São Paulo: E.P.U, 2005.

WITTER, G.P. (Org.). **Metaciência e psicologia**. Campinas: Alínea, 2005.

Apêndice A: Lista de artigos analisados

ALVARENGA, M. Z. A dinâmica do coração do herói-dever, heroína-acolhimento para o herói-heroína-amante-amado. **Junguiana**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 133-151, 2000.

AMARAL, L. A. Integração social e suas barreiras: representações culturais do corpo mutilado.

Revista de Terapia Ocupacional, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 188-195, dez. 1991.

FERREIRA, L. F. S. Corridas de aventura: o mito do herói, a aventura e a representação mítica da natureza. **Imaginário**, São Paulo, v. 13/14, n. 17/18, p. 411-438, jul.-dez. 2008/jan.-jun. 2009.

FETTER, I. S. C. A busca da verdade nos mitos de Narciso e Édipo. **Revista de Psiquiatria**, Rio Grande do Sul, v. 15, n. 3, p. 191-199, set./dez. 1993.

FREITAS, L. V. Grupos vivenciais sob uma perspectiva junguiana. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 45-69, 2005. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v16n3/v16n3a04>>. Acesso em: 20 de março de 2013.

HIRATA, R.A. O complexo de Chronos e o descompasso emocional. **Junguiana**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 67-77, 2005.

MANHÃES, M. P. Considerações sobre o complexo de Édipo tardio na mulher: a filha mais velha e o pai idoso, a mãe viúva, a mãe solteira. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 109-125, 2002.

MIGLIAVACCA, E. M. O universo dos mitos e a compreensão psicanalítica do ser e estar no mundo. **Mudanças**, São Paulo, v. 6, n. 10, p. 139-150, jul./dez. 1998.

_____. >. Jogo de opostos: uma aproximação à realidade mental através do mito de Dioniso. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 297-309, 1999.

NOOY, Juliana de. Fonte da imagem: imagem da fonte - as metamorfoses de Narciso. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 44, n. 80, p. 229-238, 2011. Disponível em:<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v44n80/v44n80a19.pdf>>. Acesso em: 20 de março de 2013.

SEABRA, Z. O mito do amor impossível. **Junguiana**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 137-147, 1989.

TAVARES, I. M. Perseu - o mito e o complexo: uma variante do complexo de Édipo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 303-316, 1991.

TRACHTENBERG, A. R. C; PEREIRA, D. Z. T; MATTOS, M. I. P. et al. Revisitando Sófocles: a trilogia tebana sob a lente transgeracional. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 129-141, 2001.



VIDILLE, W. A saga de Antígona. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 127-144, 2002.

Apêndice B: Sínteses dos artigos analisados

ALVARENGA, M.Z. (2000)

A dinâmica do coração do herói-dever, heroína-acolhimento para o herói-heroína-amante-amado: Definição da estrutura atual de herói e heroína e as relações do homem e mulher na atualidade quanto ao conflito animus/anima versus demandas do coletivo.

AMARAL, L.A. (1991)

Integração social e suas barreiras: representações culturais do corpo mutilado: Discussão sobre as barreiras psicossociais e culturais que se interpõem entre pessoas portadoras de deficiência e o mundo, assim como a socialização e demais representações coletivas.

FERREIRA, L.F.S. (2008/2009)

Corridas de aventura: o mito do herói, a aventura e a representação mítica da natureza: Incorporação do mito do herói por participantes de corridas de aventura e mitificação da natureza encontrada nos discursos destes.

FETTER, I.S.C. (1993)

A busca da verdade nos mitos de Narciso e Édipo: Aquisição do conhecimento psicológico e importância dos mitos para psicologia e terapia psicanalítica.

FREITAS, L.V. (2005)

Grupos vivenciais sob uma perspectiva junguiana: Análise de grupos vivenciais apoiada na teoria junguiana e nos mitos.

HIRATA, R.A. (2005)

O complexo de Chronos e o descompasso emocional: Reflexão sobre a cultura ocidental pós-moderna e os distúrbios e transtornos causados pela falta de tempo e demais relações interpessoais.

MANHÃES, M.P. (2002)

Considerações sobre o Complexo de Édipo tardio na mulher: a filha mais velha e o pai idoso,

a mãe viúva, a mãe solteira: Paralelo entre casos de atendimento e o Édipo tardio e mal resolvido, assim como as relações entre mães viúvas ou solteiras e as fantasias incestuosas.

MIGLIAVACCA, E.M. (1998)

O universo dos mitos e a compreensão psicanalítica do ser e estar no mundo:

Compreensão psicanalítica do ser e o estar no mundo, e demais intersecções entre Psicanálise e Mitologia Grega.

MIGLIAVACCA, E.M. (1999)

Jogo de opostos: uma aproximação à realidade mental através do mito de Dioniso: Contradição e vivência do homem quanto a sua parte humana e divina (aspectos contraditórios que o indivíduo possui).

NOOY, J; STUCCHI, B.H.P. (2011)

Fonte da imagem: imagem da fonte - as metamorfoses de Narciso: Análise da origem, formação e conceito de autoimagem e narcisismo, através da interpretação psicanalítica do mito.

SEABRA, Z. (1989)

O mito do amor impossível: O recorrente final feliz nas histórias de amor na mitologia e os pensamentos e definições contemporâneos.

TAVARES, I.M. (1991)

Perseu - o mito e o complexo: uma variante do complexo de Édipo: Desfecho do complexo de Édipo e as relações com as figuras masculinas e femininas no mito de Perseu, relacionando o tema com drogadição, relacionamentos, homicídio, suicídio, dentre outros.

TRACHTENBERG, A.R.C; PEREIRA, D.Z.T; MATTOS, M.I.P; CHEM, V.D.M; MELLO, V.M.H.P. (2001)

Revisitando Sófocles: a trilogia tebana sob a lente transgeracional: Reflexão sobre características transgeracionais em pacientes, embasada no mito de Édipo.

VIDILLE, W. (2002)

A saga de Antígona: Análise sobre o inconsciente referente ao suicídio da personagem do mito e a busca pela feminilidade e maturidade sexual.